

*Rev. Am. de Oltariano de da
Cruza da Br. h. a
Quinta*

ANO I

Coimbra, 15 de Março de 1925

N.º 1

HUMANIDADE

JORNAL DE ESTUDANTES DE COIMBRA

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez

ASSINATURAS

Cada 3 numeros 2\$40
Numero avulso \$40
Anuncios mediante accordo particular

REDACTOR PRINCIPAL

Vitorino Nemésio

EDITOR

Carlos Soares da Silveira

Redacção e adm. : R. do Guedes, 19

Propriedade da Empresa "HUMANIDADE"

Tip. Bizarro — R. da Moeda, 12-14

À MANEIRA DE PRÓLOGO

Este jornal, que hoje sai, nasce com boas esperanças e, se não acreditamos que sempre em esperanças se acaba a vida, bem de utilidade elas são no sustentar duma ideia, dos princípios. Nasce com boas esperanças e se morrer quasi de certeza morrerá com elas. Há-de parecer-lhes de ruim agoiro este falar de morte em dia alegre de nascença, mas temos razões de sobra para explicar o caso. Não que a coragem nos falte em seguir um caminho, ou que a vontade se quebre ao menor choque, á mais banal contrariedade; mas tão pouco risinha se nos apresenta a atmosfera académica, tão desfavorável á propaganda e estudo de qualquer coisa útil, que todos os presentimentos, os mais desfavoráveis, são de acelar.

Não ha entre nós jornal ou revista que marque com segurança uma tendência artistica, ideológica, politica mesmo. O « Tríptico », além de não poder dizer-se apenas de estudantes, embora destes lhe venha a vida, está confinado num campo restrito, de especial actividade, beleza e pouco além. E' no seu aspecto particular algo de aproveitavel, mas não representa o que devia na população de capa e batina. O « Estudos », também de duvidosa inspiração académica, o que é natural dada a organização que representa, não pode ser mais que um órgão duma associação de determinadas atitudes religiosas e quiçá politicas, com normas especiais de existência e de acção.

De bom grado se concorda que isto não basta a uma classe que sustenta responsabilidades de cultura superior, universitária, variada e intensa; pior ainda se considerarmos que essa classe de Coimbra blasona de primeira entre os congéneres de Porto e Lisboa, ponto que não queremos agora discutir, afirmar sequer: referimo-nos apenas a um dito frequente. Aparece, hoje, este jornal... Nem com toda a vaidade possível conseguiríamos iludir-nos, julgando que ele vem preencher um lugar ha muito vago; pensá-lo seria a prova de que tal não sucederia... Mas não vimos, contudo, sem ilusões: era uma afronta aos nossos anos de rapazes e a quantos idealistas de boa vontade, por aqui se tem gasto. Mesmo qualquer de nós que sinta no espirito a ponta de bolór do scepticismo passará uma filosofia amavel sobre a parte atacada e ha-de mostrar que está puro de desenganos, tão puro que pode receber todos quantos cheguem... Vimos os que podemos vir, com o que podemos trazer; é possível que outros venham ainda. Não enchemos

o lugar vago, sentimo-nos á beira esperando que o dono legitimo o ocupe, para batermos as palmas com a maior alegria e sinceridade. Até lá deploraremos a sua falta e faremos o possível para que ele surja, que é do sentir da multidão e para a interpretar que nascem os heróis e os sábios. Temos por norma conservarmo-nos quietos e atentos, o ar de quem espera, mas de tal forma que quem passe nos não julgue alvanizados e sobre nós atire a esmola duma pedra ou dum punhado de terra. Pois se a gente tem, a despeito da certidão de idade, os clássicos vinte anos de todos os estudantes!

Ideias gerais para pôr ao alto do que se escrever duas nos bastam: a de liberdade e a de critica, que mais não é que a consequência lógica da primeira.

Se bem as interpretarmos e seguirmos algo teremos feito de útil e em parte se dará cumprimento ao nosso programa — um programa que aparece antes das eleições mas não em vista delas. Exercer com liberdade e justiça o espirito critico não se pode chamar uma atitude nova em Portugal, e felizmente. Mas porque á nossa mocidade custa o peso das fórmulas velhas e gastas, opressoras apenas, entaves a uma vida mais pura e mais leal, e porque a critica, sendo a mais alta manifestação da liberdade, nos ensina a destrinçar o aproveitavel do toleravel por inércia ou por engano e preconceito, calha-nos bem a divisa com todo o coração a defendermos. Generosamente, sem paixão e sem sofismas, desligados de grupos, seguindo apenas ideias, seremos correctos como a educação e o respeito próprio nos impõe e para isso não julgamos preciso atar as mãos e a pena a um dogma ou a uma autoridade, só porque é autoridade.

Se a vida em si continua a ser sempre tão miseravel que o maior castigo ela o será, para quê de motu proprio oprimindo muitos em beneficio de poucos ir enredá-la em superstições, em laços, em engrenagens incómodas e tristes? Não se pode, por isso, dizer que não seja uma tarefa digna de homens novos olhá-la má e capaz de melhoramento, trazendo hoje — e podeis crêr que com sacrificio — um leve esforço para mudar e melhorar. Não é uma utopia, é uma doutrina. E que fosse? Todas as grandes e belas ideias pareceram utopias e esta é tão velha que não será exágero desejar-lhe próxima a realisação. Do mais, iremos dizendo depois.

Nêste nosso meio as questões não precisam, em geral, de

Sala
Gab. O.S.
Est.
Tab.
N.º 1021

luta para morrer, acabam de inanção, entre um encolher de hombros e um bocejo. Não será necessário citar exemplos: basta que cada um se considere e ao passado. E' um meio fácil, mas que parecendo resolver agrava o mal. E é em nosso próprio interesse, estudantes que amanhã vão passar de ensinados a dirigentes, que devemos tudo discutir, atacando ou defendendo. Será o processo aqui seguido. Isto dito, tenham a bondade de abrir o jornal e ler a outra prosa, que se o principio não é bom pode ser que o resto os satisfaça.

Dos Livros

Será feita, obrigatoriamente, a apreciação das obras de que forem enviados dois exemplares à redacção deste jornal.

D. Sebastião, Rei de Portugal

: Antero de Figueiredo :

Deixando a outros mais competentes a discussão das aliás discutíveis ideias do Prefácio, eu encaro o *D. Sebastião* de Antero de Figueiredo como obra de arte. Aceito, pois, a figura do Desejado na interpretação do seu apologista: Sou dos que pensam que um Artista é livre de interpretar os próprios vultos históricos como melhor convenha à sua arte e ao seu temperamento. Claro é que um Artista assim muito raro poderá ser simultaneamente um historiador. Mas eu esqueço-me por sistema de todas as pretensões de Antero de Figueiredo — tirante a de fazer arte. E se como obra de arte o seu livro me interessa, mais do que pelo talento nêlo manifestado é pelo relêvo com que exemplifica uma das características da literatura contemporânea. E' ela o gosto do decorativo e do artificioso, a megalomania da amplificação verbal, o culto da palavra pela palavra, a modernização do gongorismo. Esta tendência, tão observável nos nossos escritores consagrados como nos candidatos à consagração, lavra tanto nos que se voltam para a literatura nacionalista (incluindo os regionalistas) como nos que se penduram do modernismo cosmopolita. Antero de Figueiredo, tido por um Mestre, pareceu-me no seu último livro um belo exemplo a comentar. Vejamos. « Este D. Sebastião » — diz o autor falando dos intuitos estéticos do seu livro — « estima ser melhor que romance: ser vida. Deseja ser superior à vida: ser beleza ». Eis palavras que o escritor muito a seu gosto

reuniu com donaire, mas que nem por isso têm grande significação. Com efeito: O seu livro « estima ser melhor que romance: ser vida ». Ora qual é o género literário mais próximo da vida do que o romance? Como pode um livro ser vida senão sendo romance, isto é: imitação e interpretação dum pedaço de vida? Mas ser vida ainda não satisfaz a megalomania do *D. Sebastião*. Falo do livro, entenda-se. « Deseja ser superior à vida: ser beleza ». Ora como pode ele ser beleza senão sendo vida interpretada, isto é: sendo romance? Quer dizer: O livro de Antero de Figueiredo estima ser vida para ser melhor que romance, deseja ser beleza para ser superior à vida, e só pode ser vida e ser beleza sendo romance ou participando do romance. Aí fim exemplificada, ou pelo menos sugerida, a característica dominante do *D. Sebastião*: Culto da retórica até ao sacrificio da ideia, da emoção, da vida, da beleza verdadeira e profunda. Aclamado um dia como estilista (Ah! que mau dia lhe foi esse!) Antero de Figueiredo quedou-se de tal modo a bolear a frase, a rebuscar o termo, a procurar o efeito — que conseguiu escrever um livro como o *D. Sebastião*. Ora o que é o *D. Sebastião*? No gosto do seu autor, é um livro admiravelmente escrito. Quer isto dizer que é um livro admirável? Não!

A preocupação purista não pode deixar de ser secundária numa obra de arte. Um estilo só vale — quando o estilo é o homem. Ora o estilo de Antero de Figueiredo — é o homem de letras. E no entanto, ainda é ele a maior recomendação do livro. E' triste, mas é verdade. Senão,

tome-se o volume: Procurem-se nêlo intuições psicológicas, advinhações de dramaturgo, profundezas de emoção ou de pensamento, intenções ocultas e superiores. Acharemos que aquele « trecho de história posto em arte » é apenas uma série de capítulos formados por pedaços de prosa. A psicologia das figuras é rudimentaríssima, incluindo a do herói. Quem quizer a prova, releia, por exemplo, o capítulo que o autor chamou: « Educação religiosa e misticismo guerreiro ». Para cantar a adolescência de D. Sebastião — singular manequim digno de ser animado por um Ibsen, um Dostolewsky ou um Shakespeare — o autor só acha algumas anedotas que não espreme, algumas ingenuidades, e algumas frases tão literárias, tão postiças, como isto: « Assim educado e instruído, lançava-se em devaneios coloridos: sua alma mística sonhava azul; sua alma guerreira sonhava vermelho » (pag. 94). Isto é pôr em pé corpos mortos? Isto, em calão literário, chama-se *fazer estilo*. Estas coisas esquisitas, estes « devaneios coloridos », só podem ser escritos pelos temperamentos bizarros que os sintam. Por aqueles em quem o estilo é o homem. E mitan, já não serão só literatura. Mas para que insistir? Este gosto de literatura trai-se em todo o livro de Antero de Figueiredo: Nos títulos dos capítulos, na scenografia das descrições, na pesquisa do vocabulário arcaico, no amaneirado da exposição, na ênfase de certas tiradas lírico-oratórias, etc., etc. Ora como simples *literato*, Antero de Figueiredo merece a consagração que goza. Veja-se, por exemplo, os retratos que esmaltam o seu livro. São primorosos, embora a gente esteja a vêr o pintor dispô-los. Releia-se o capítulo « A lição dos mortos »; o de « Muitas » desvairadas gentes; os de « Em terras de Magrebe »; os de « Alcácer-Quibir ». Salvando alguns pedaços mais vivos, todas essas páginas triumpham apenas pelo *belo literário*. Sente-se nelas que o autor se preocupou muito mais com adornar o seu painel do que com o fazer vibrar. Ora sendo este talento retórico aceite pelo próprio autor como requinte de arte, como beleza superior, eu não feria o direito de acuser um artista — que consegue o que deseja; não, se Antero de Figueiredo também se não propuzesse pôr « em pé corpos mortos e neles seu espirito ausente; animar cenas e mover quadros parados ». Para isso, é que não bastam os belos dotes literários exibidos nêste livro tão conscienciosamente escrito. Para isso, é

preciso ter uma arte aparentemente muito mais simples, mas realmente muito mais complexa.

El hombre que mató al Diab'o

: : Aquilino Ribeiro : :

: : La Novela Semanal : :

« ... Pero su amor vino tarde. El mio murió por ahí. Murió desde esa hora en que me fué posible dejar de desear. ». Assim fala Macário — o homem que matou o Diabo — na última página da novela de Aquilino. E as suas palavras abrem-nos a novela: A' força de insistir, Macário cansa; e no momento de alcançar — compreende que já não ama nem deseja. Assim consegue matar o Diabo que o possuía — belo Diabo luxurioso e sentimental: entregando-se todo, insistindo sempre, obrando tudo para chegar ao instante da vitória... frustrada.

A concepção é curiosa, com o seu quê de imprevisto. E no entanto, a importância dada pelo autor à descrição accidental e à dramatisação episódica fazem da ideia geratriz uma espécie de pretexto para a manifestação de certos dons literários. Ora triunfantemente exibidos em livros de peso, esses dons literários nem sempre quadram ao molde que o escritor aqui lhes talhou: Sem deixar de ser o autor da *Via Sinuosa* ou das *Terras do Demo*, Aquilino condescende com a maneira moderna, cinematográfica, das novelas da moda. Por isso peca a sua novela. Toda a gente reconhece em Aquilino Ribeiro ótimas qualidades de prosador e de romancista. O seu vigor de dramatisação, o seu conhecimento da língua, o seu poder descritivo, a saborosa originalidade das suas imagens, a sua intuição do diálogo pitoresco — fizeram dele o autor de alguns livros fortes e vivos. Mas comprazendo-se na *divagação*, Aquilino ostenta por demais as suas belas qualidades para ser o novelista cortante, nervoso, sintético, da hora literária. Vejamos a sua novela: A scena da confissão, a da entrega das pratas, a do reencontro de Isabel e Macário, revelam a mão que as escreveu. Mas têm elas mais importância, no desenvolvimento da narrativa, que muitas outras só fugidamente esboçadas? Seria fácil provar o contrario. Proporcionalmente desenvolvidos os vários episódios da sua ficção, Aquilino Ribeiro teria escrito um romance — que seria interessantíssimo. Assim, escreveu uma novela a que a má proporção das parte

dá um irremediável aspecto de fragmentação. A sua novela é um esboço com páginas acabadas, de romance, e outras só escritas para ligação dessas. Não enumerarei agora os dons literários — dons de observador e de estilista — que no autor com pensam esta falta de construção. Quero citar apenas o seu talento de retratista, tão discreta e subtilmente usado na novela. Não possuindo predominantemente o dom da imaginação psicológica, da pesquisa de vida interior, Aquilino tem no entanto a visão pitoresca dos seus heróis: Tudo o que exteriormente os caracteriza e os anima, ele n' anota com agudeza e finura. Monseñor don Alonso, Regina, Isabel, Cipriano, Macário, Lu — são esboços apenas entrevistados, mas já poderosos de naturalidade e vida.

João Régio.

Tempo Perdido,
pelo Dr. J. M.
Telxela de Car-
valho. Impren-
sa da Univer-
sidade — Coim-
bra — 1924. :

Raro espirito n' deste homem que após uma vida em que a sua intelligencia n' o seu engenho o assinalaram entre os maiores, continua na morte a falar, a encantar, a engrandecer-se!

Os trabalhos que, no seu caminho foi deixando, agora por mão amiga compilados, mostram-nos que essa criança de grandes barbas alveantes, luminosas como a sua alma, era melhor e maior do que muitos julgavam, mormente aqueles que só lhe conheceram o verbo faiscante, a ironia contundente que a fogo os marcava.

Muito se enganaram, pois,

aqueles que, morto ele, julgaram emudecida aquela voz. Não. Cada vez é mais viva, e mais eloquente e mais embalsamada, embora menos contundente.

A prova lo, ai temos os seus livros, que, uns após outros, vem aparecendo, com uma continuidade impressionante.

Dos ultimos, falaremos daquelle cuja indole mais se amolda ao feitiço desta revista de moços — **Tempo Perdido.**

Este livro mostra-nos o seu autor sob um aspecto novo — o de contista. Contista á sua maneira, é bem de ver.

Ninguém falava como ele, ninguém pensava como ele, ninguém via como ele. E' natural, portanto, que ninguém conte como ele. E assim é.

Contos, não é bem. Impresões d'arte, emoções, palhetadas, manchas de luz, rápidas, leves, mas sempre fulgurantes.

Não se confundem.

Querem ver? E' do *Natal no Céu*:

« Santo Eloi, n' grande ourives, tem no céu grandes oficinas em que trabalham os anjos noite e dia, a polir e a facetar as dôres choradas sobre a terra. E não ha lágrima que nas mãos dos Anjos se não ponha a rir n' a brilhar como custosa pedra preciosa. O rubim vermelho do sangue derramado, a pérola da lágrima chorada, a esmeralda das verdes ilusões desfeitas, todas as cristalizações irisadas da dôr são cravadas pelos Anjos, ourives na prata que vem das terras da lua, ou montadas em filigrana de sol e todas, todas se gastam nos bordados para enfeites dos vestidos que cobrem os corpos lilias das Santas ».

Lindo, não é verdade?

Pois erra assim, delicado e luminoso, esse alto espirito que os moços de hoje não conheceram mas de que se lembram, com internecimento e saudade, todos quantos por aqui passaram nos últimos 50 anos!

Uma questão académica

Mário de Castro, estudante da Universidade de Coimbra, publicou agora em folheto algumas peças do processo disciplinar que lhe foi movido pela Faculdade de Direito de Lisboa, juntando-lhe as considerações elucidativas que n' caso merecia e precisava. Não porque os amigos deste jornal sejam amigos de Mário de Castro, mas porque nessas quarenta e tal páginas se definem e focam atitudes de nobreza de caracter e de cobardia moral, de espirito de justiça e de opressão estreita de classes, de desassombro sereno e de vaidade ferida, é-nos grato transcrever as linhas seguintes, do capitulo — **Conclusão**:

« De nada valem os acontecimentos, quando não conteem um qualquer significado social que os distinga e os caracterise, de nada valiam os documentos e nada justificaria que eles viessem desta forma a público, se não contivessem copiosa moralidade. Com effeito, o que dentro deles se agita não é apenas uma questão disciplinar motivada por um conflito entre um aluno e um professor: não é apenas a personalidade moral de dois homens — e já isso era valioso elemento de estudo — o que nitidamente ressaie n' se define nestes acontecimentos; eles tiveram o condão de trazer á superficie, em toda a sua cruel evidência, os vícios de organização e funcionamento que fazem da escola portugueza uma ruína que difficilmente mantem o equilibrio logico perante as rajadas de renovação social e scientifica que sopram de todos os quadrantes e, sobretudo, perante o hato quente das imperiosas necessidades nacionais. Verdadeiramente, o que se agita nestas páginas que offereço aos pedagogos e aos reformadores, como optima documentação, é todo um problema nacional, é todo o problema portuguez por excellência: o problema da reforma da mentalidade, tão certo é que, por via de regra, da escola saem os elementos que a comndem. E' a necessidade duma pedagogia nova que não atrofie mas estimule e corporise o élan espirital dos moços: uma pedagogia que substitua o culto da espezteza negativista dos juristas, a quem soe chamar-se lisongeiramente ramosos, pelo culto da verdadeira intelligencia — a intelligencia sincera, a intelligencia creadora que usa a clareza como método n' busca a verdade como único fim. Uma pedagogia no-

va, susceptivel de educar caracteres n' formar intelligencias, que ao desregramento dos fetichismos sentimentais substitua, na análise dos problemas, a disciplina forte do raciocinio critico. Uma pedagogia que radicalmente transforme as tendencias parasitárias do portuauês, dando-lhe a conformação, ao mesmo tempo individual e social, do homem viril que em si próprio, nas energias da sua vontade, nas applicações da iniciativa própria encontre a força que leva ao triunfo. Uma pedagogia, enfim, que dê á Nação os homens de que a Nação precisa: intelligencia clara, vontade firme, posta ao serviço dum nobre n' fecundo idealismo de acção, inconfundivel, por isso mesmo, com arroubamentos misticos de oração. E sob esta doutrina como fim, uma organização escolar, corporisando-a, que a ponha em movimento. Uma organização escolar que faça do ensino, não um dilettantismo mas um sacerdócio; uma organização que invalide a possibilidade de os mestres *cristallizarem* e entre eles e os alunos estabeleça a mais intima comunhão espirital, que desfaça esta monstruosidade pedagogica ainda actualmente viva, por virtude da qual, mestres e alunos são castas *ensimesmadas*, vivendo uma vida áparte n' antagonica, de que é uma prova eloquente, esta expressão d' Dr. José Tavares para mim, a propósito do conflito « o senhor naturalmente lá com os seus colegas defende-se como eu me defendo com os meus ».

« Uma organização escolar baseada num conceito novo de disciplina, para sempre postergar-se esta noção estúpida, anacrónica, insuportavel que ainda corre mundo, e em virtude da qual o professor n' o aluno são como comandante n' soldado raso! »

Francisco Alves Correia

:: Estabelecimento ::
de Fazendas e Modas

Panos brancos . Zefires
lans, etc.
Grande sortido
em melas e peugas.
linhos . Alfalhões

Enviem-se amostras

161, Rua Ferreira Borges, 163
COIMBRA

Farmácia Arménio Ferreira, L.^{da}

RUA FERNANDES TOMÁS, 2 e 6
(Antiga Rua das Fargas)

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS

Nacionais e estrangeiras

Serviço
permanente

ORDEM ! ORDEM !

Eis a palavra que rebôa em todo o âmbito dos quatro pontos cardiais de Portugal, o grito que sai da boca e todos os portugueses, aquecido pelo mesmo sopro de aspiração frenética.

Nos campos, como nas cidades, nos casebres de gente pobre, como nos palácios de gente rica, nas assembleias revolucionárias como nos templos religiosos, nos panfletos subversivos como nos periódicos ortodoxos, em toda a parte se grita ansiosamente por ordem. De todos os pontos cardiais de Portugal se berra por ordem: ordem nas finanças, ordem na economia, ordem nas profissões, ordem nas relações sociais, ordem na família. E se assim é, se afinal todos os lábios expõem o mesmo grito e todos os corações sentem a mesma aspiração, se a ordem é um mesmo fim vitalanciosamente desejado por gregos e troianos, porque vivemos nós nesta tremenda desordem?

Responder a esta pergunta, seria fazer a análise de toda a nossa organização social e mais ainda a investigação e exposição de todas as causas da grande crise que atravessamos.

Por isso, neste artigo de hoje, limitar-nos-hemos, somente, a apreciar uma só das causas por virtude das quais a desordem alastra e insinua-se cada vez mais, a despeito de unanimemente se gritar por ordem: «essa causa é, a profunda antinomia que separa em duas nítidas falanges aqueles mesmos que empregam a palavra ordem, antinomia que provém de cada uma lhe atribuir conceitos fundamentalmente diversos.

Antinomia flagrante que não é de hoje mas de séculos, que acompanhou a história universal em todo o seu longo decurso, revestindo uma forma hoje outra amanhã, mas sempre a mesma no seu significado substancial!

Antinomia dolorosa e tão formidavelmente enérgica, tão evidentemente determinante, que a despeito da pressão espiritual anestesiadora das religiões, rebentou em fluxos de sangue na velha sociedade romana, carregou os lenhos que alimentaram as fábaredas da Bastilha, explodiu no dinamite que desfez o império dos cézares, aflige ainda hoje as pessoas sinceramente ordeiras e não deixa dúvida a qualquer consciência esclarecida sobre a na-

tureza daquele negrume expesso que eu vejo além, nos horizontes do futuro, como uma nuvem muito negra, empanando a clareza do dia: a miserável antinomia entre os que possuem e os que não possuem, a luta degradante e fatal, inevitável, entre os que revolucionariamente querem e os que obstinadamente negam.

Uma falange a dentro dos muros espessos da cidadela, defendendo com unhas e dentes a mais pequena das suas tradicionais regalias: outra falange aguerrida, acicatada de necessidade, atacando por todos os meios ao seu alcance as fortificações dessa cidadela tradicional. E ambas irreduzivelmente apegadas ao seu conceito de ordem por forma que dificilmente se antolha qual quer possibilidade transaccional que trouxesse paz e socego aos nossos tempos. Uma fazendo da ordem a integral conservação dos seus privilégios de riqueza e hierarquia; a outra atribuindo-lhe um significado precisamente contrário de justa repartição. Uma impando de abundância, a outra suspirando de insuficiência! Uma defendendo furiosamente um sistema social em que há superiores e inferiores de criação arbitrária, outra lutando sacrificadamente por um sistema de colaboração. Uma vendo na subordinação a um conceito desumano de autoridade tradicional, empírica, ininteligente, a garantia da ordem, e valendo-se, para a efectivar, da força dos exércitos; outra vendo numa justa repartição de bens e numa integração racional de actividades no mesmo sistema de colaboração, a verdadeira noção de ordem, chegando, para a implantar, aos condenáveis e ultrajantes processos do dinamite.

■ o observador imparcial, que desapassionadamente e com o mais rigoroso escrúpulo de consciência se aplica a estudar o problema, não pode deixar de concluir que a causa fundamental da desordem é a desordem, isto é, uma viciosa e viciada organização da sociedade.

Ordem quer dizer justeza. Ordem quer dizer equilíbrio. Ordem quer dizer justaposição. ■ a razão porque há desordem provém precisamente porque nas sociedades actuais não há justeza, não há equilíbrio nem há justaposição. Não há justeza porque os indivíduos andam deslocados

das funções que deviam exercer pelas suas capacidades naturais, metidos nelas uns à *fortiori*, por razões tradicionais e privilegiadas, deslocados delas outros pela brutalidade social que, pelas irregularidades da repartição, lhes tolhem o livre desenvolvimento natural.

Não há equilíbrio porque todos os instrumentos de produção estão absorvidos por uma parte que, para maior ilegitimidade, é a minoria, sem consideração alguma de justiça.

Não há justaposição porque na escala social os indivíduos não estão colocados por uma razão de valor mas por uma razão tradicional de violência. E' por isto que não há ordem. A desordem das ruas, a guerra das relações sociais, as bombas dos jovens sindicalistas, são por certo processos condenáveis, são por certo ultrajes cuspidos em plena face da dignidade humana.

Mas reparem aqueles que sem a mais leve generosidade estigmatizam tais processos que eles não são uma causa, mas um efeito, que considera-os uma causa em si é uma crassa estupidez, que procurar debela-los pela força das armas sobre ser estupidez ainda mais crassa é uma refalsada maldade mil vezes mais condenável, que combater a desordem é eliminar as suas causas e eliminar as suas causas, senhor conselheiro Acácio do Século, é, como muito bem diz a *Epoca*, de 24-2-925, substituir pela *renovação*, o comodismo dos conservadores, ou, como dizem as *Novidades*, de 24-2-925, pôr nos seus devidos termos a significação da palavra ordem que «não é apenas a tranquilidade nas ruas, mas a justiça nas relações sociais e a moralidade em todas as existências».

No meio de tudo isto, o que mais me impressiona é a estupidez incrível desses pregadores duma ordem entendida ao sabor dos seus interesses, estupidez miserável que o revela não somente uma coisa que à inteligência repugna mas que é mais, uma coisa que repugna até à defesa do seu egoísmo se ao menos soubessem ser egoístas com inteligência...

Mário de Castro.

A questão sebastica

Saiu uma 2.^a edição da *Exortação à Mocidade*, de Carlos Malheiro Dias, precedida de um longo prefácio em que responde à *Carta Prefácio* de António Sérgio no livro — *O Desejado*.

A despeito da sua energia, este prefácio é uma concessão quasi completa à tese de António Sérgio, notando-se flagrantemente as maiores contradições entre o que dizia na *Exortação* e o que diz agora no *Prefácio*, como é fácil de verificar comparando a *Exortação* com o que vem agora nas páginas 81 e 108 do seu prefácio.

Segundo nos consta, António Sérgio começará a responder a Carlos Malheiro Dias já no próximo número da *Seara Nova* e o nosso colega Mário de Castro vai fazer em Coimbra uma conferência, ainda esta semana assim intitulada:

“A' morgem da questão sebastica..”

na qual admitirá controvérsia.

Seja qual for a questão que se trata a dúvida é sempre melhor que a afirmação definitiva, a renúncia a toda a iniciativa pessoal que se chama a fé. Esta espécie de suicídio intelectual é indesculpável, e que é ainda estranho, pretenderem justificá-lo, como geralmente se faz, invocando razões morais. A moral deve mandar o espírito investigar sem repouso, isto é, precisamente acautelar-se da fé.

GUXAU.

RELOJOARIA C. Mercial

— DE —

ADOLFO PISTO DE SOUSA

Praça do Comércio, 68

COIMBRA

Neste estabelecimento ha sempre para vender um completo sortido em relógios de bolso, mesa, parede e despertadores.

Encarrega-se de todos os concertos de relojoaria, garantindo os relógios vendidos ou concertados.

LITERATURA

Meditação sobre telhados

Que tristeza quedar assim encerrado entre quatro paredes quando lá fora anda o sol a bailar, velho bailarino, n' bailo da vida e da morte! Mas que quero eu mais? Tenho a moldura da janela que me encaixilha o azul celeste e as pombas que passam, radiosas, batendo remiges subitas. Sim: tenho n' céu, as pombas e os telhados, para a contemplação dos olhos! Que pretendo, afinal, mais? Posso tudo que resume o sonho duma cabecinha rescedente de donzela: n' céu profundo em sua superficialidade, com anjinhos e querubins, toda a corte de Deus, nosso senhor, juiz dos juizes, que nos há-de julgar no dia do supremo juízo; pombas brancas, só neve, inocência de corpo límpido, tal a limpidez das águas; e um telhado, docel de pequenino lar com garrulices de crianças e beijos de espôso mui amado!

Em verdade, tenho tudo no que se resume a vida bem desejada por quem é simples de coração! Ah! Mas a par desta maviosidade de azul, desta doçura de asas e desta rescedência de telhados floridos, diviso no quintal visinho uma contorcida e abandonada laranjeira junto duma pobre figueira que parece sonhar com Judas enforcado e ter a melancolia da morte nos braços pendidos! Pobres das coitadas! O abandono da terra de que apenas se nutrem mostra-me quanto é malvado o coração dos que são malvados, quanto é triste a vida dos que jamais balbucaram com o *Eclesiastes: fecit hortos et pomaria et consevit in cunctis generis arboribus!* Nesta pequenina janela descobri, à semelhança dos Apóstolos do Senhor, uma piedosa parábola! Contudo ainda o que mais me chama e preocupa é a infinita sorte de telhados que se abrangem com a vista. Este aqui mais perto com telhas velhas talvez de séculos e plantas tão grandes como as dos jardins de Babilónia, deve ser um telhado sisudo, meio sábio, com ponderados conceitos sobre o mundo e os astros. Parece dizer-nos em sua contemplativa mudez.

— Homens! Nada há no Mundo que valha o vigor da paixão. Deixai que vos acusem de pusilânimes, porquanto a verdadeira Vida não é a dos que agem sendo a dos que contemplam!

Aquele além, de quatro águas, lusido, tem aparências de bem comido burguês, e aquele outro

quasi destelhado, afigura-se-me romântico, capás de colloquios com estrêlas a desoras. Alguns há sem mais que uma deminuta chaminé, como cegos a apontar a eternidade de dedo estendido; outros, ao invés, de olhos de lince — as clara-boias — junto de irmãos, desmedidos, homéricos ciclopes com um olho imenso ao meio da testa. E lá para diante, diviso ainda outros, de telha nova, dessa oriunda de estrangeiras terras, vaidosos entre a humildade dos que nasceram e hão-de morrer encobridos n' mesmo sol.

Como isto é singular n' profundamente humano! Em tudo achamos paralelo com nosso ser. Sónos a medida de todas as coisas como refere o Sábio! E seremos, na realidade, ou será nossa vaidade tão desmedida que ultrapasse a rectidão das mesmas consciências? Não sei! Será bom, até, não sabê-lo! Mas, há mais! Há mais ainda do que o céu, do que as pombas e do que os telhados. Há Santa Clara em seu convento e o monte de seu nome deitada numa postura de estátua jacente com o rio ao lado escorrendo, silencioso, pela areia, como veia muito azul por braço muito branco! Só agora reparo em que anda uma mulher de cima daquele telhado estendendo roupa, de mangas arregaçadas, destemida para não sentir a vertigem da altura. São peças do bragal: fraldinhas pequenas, como trapos, do menino que em baixo chora, no berço de verga, camisas do seu homem que anda no trabalho n' uma fralda sua também, fralda de noiva, de espôsa n' quicá mortalha de defunta! Abriu neste instante a vidraça da claraboia n' desce para casa. Sigo n' caminho dos raios do Sol refletidos n' deparo-me, no trajecto, com uma costureirinha bordando a uma janela, num tecido leve, cor de rosa. O cabelo iluminado, de momento, tornou-se mais claro, quasi brilhante: pareceu-me uma virgem em seu nicho de resplendor em volta da cabeça.

Descobri um pequeno mundo sobre estes telhados! Mas falta ainda lembrar aquela gata branca que vem todas as tardes mirar-se no vidro da trapeira ali de frente. E' vaidosa e presumida! Já pensei que esperasse algum derriço ou se amaneirasse, carinhosa, de sorte a entreter a solidão de minhas horas.

— Bem te agradeço, formosa

irmã de minha gata *Joaninha* longe daqui ouvido n' mar e de quem já ando saudoso! Sonho! Acabo por sonhar, com certeza! Medito sobre tudo! Assim a meditar já as estrêlas se vão acendendo na casa do Senhor! Anatole dizia que o homem veio ao Mundo para compreender. Será, talvez, esta a razão de minha constância na compreensão de coisas que não têm outro significado a não ser aquele que nossa imaginação lhes quer dar! Entramos pouco a pouco no crepúsculo.

O corpo de Santa Clara jacente parece erguer as mãos ao céu ao tempo que as águas do rio descoram, vão perdendo o azul de veias em braço de mulher. Assim, na penumbra, apenas iluminados pela luz mortíca que os recorta no horizonte, os pinheiros da encosta, parecem pinheiros de Fra Angélico. E, coisa singular! Consoante a noite vai abraçando a terra, assim os telhados se confundem com a sombra até serem sombras eles mesmos. Nas claraboias a luz começa a scintilar afigurando-se-me outras tantas estrêlas. Do mundo descoberto só restam estes ínfimos pontos luminosos. Nada do que há momentos me entretinha os olhos aparece mais. Tudo se sumiu na treva, tragado pela bóca da noite. Só, vagamente, descortino o vulto da palmeira ali do largo. Desta cidade de palmeiras é aquela a única que amo. Solitária, ao cimo da escada de pedra, chégo a lamenta-la, quando, em invernosas noites, ouço seus queixumes na escuridão. Despresada neste canto, parece, por rebeldia, ter crescido mais formosa. Já a ternura dum pintor e o carinho dum amoroso lhes deram, aquele leito numa tela, este passo em história de peregrinos amores.

Entrou a noite e com ela o silêncio. Minha meditação estingue-se com a luz do sol. Na moldura da janela só se encaixilham agora estrêlas: estrêlas do céu n' estrêlas da terra. Nas do céu não sei o que haverá! Talvez infinitas coisas, talvez coisa nenhuma! Nas da terra, sei: há cabeças dobradas em vigília, deleitosos corpos de mulheres que se aconchegam em sonhos n' lágrimas, alegrias, dores — há tudo e de tudo!

Coimbra, 20 de Dezembro de 1924.

João Gaspar Simões.

POETAS DE COIMBRA

Canção Perdida

Segredo do Mundo,
Sentido da Vida,
E's no mar profundo
A onda perdida!

A onda perdida,
A onda mais alta!
A hora esquecida...
A estrêla que falta!

A estrêla que falta
Num céu cheio delas!
— Um sonho que exalta
As almas mais belas!

Segredo do Mundo,
Sentido da Vida,
E's no mar profundo
A onda perdida!...

1923,

ANTÓNIO DE SOUSA.

ADMINISTRAÇÃO

A todas as pessoas a quem este jornal é enviado e que não desejem assiná-lo pedimos o devolvam à redacção.

A cobrança será feita após a saída do 2.º número, agradecendo desde já a todos os assinantes que nos enviem o preço da sua assinatura evitando despesas de correio.

Se Deus tivesse vindo ao mundo para revelar a verdade aos homens, o menos que teria feito seria revelá-la de modo que todos a pudessem compreender: se não fez isso, prova é evidente de que não era Deus: e se as verdades divinas são de tal índole que o próprio Deus não pôde fazê-las inteligíveis aos homens, é natural que os homens não tenham sido mais afortunados.

TOLSTOI.

Universidade Livre

Homenagem a Camilo

Promovida pela Universidade Livre, realiza o sr. Vitorino Nemesio, no salão nobre da Câmara Municipal, uma conferência sobre Camilo Castelo Branco, no dia do aniversario da morte desta grande prosador.

Nos tres dias antecedentes realizar-se-hão tambem em locais que serão previamente indicados, varias leituras comentadas, com caracter popular, de algumas obras de Camilo. Essas leituras serão feitas pelos srs. Antonio de Sousa, Martins de Carvalho, José Crespo, Campos de Figueiredo, J. Vasconcellos e Almeida Costa.

Na sessão promovida pela Biblioteca Municipal usará da palavra o sr. Mario de Castro, como representante da Universidade Livre.

Curso de Esperanto

Na Biblioteca Municipal (sede provisoria da Universidade Livre) está aberta a inscrição de alunos para um curso de Esperanto regido pelo sr. Eugénio Eliseu.

Trabalhos Manuais Educativos

O professor sr. A. Vianna de Lemos vai fazer uma série de lições, para professores, sobre trabalhos manuais educativos.

A inscrição está aberta na sede provisoria U. L. e na do Grémio dos Professores Primários.

Curso de Trabalhos (História de Portugal)

O professor sr. Almeida Costa vai iniciar brevemente, em local que será previamente anunciado, um curso de História de Portugal.

Curso elementar de francês

Está aberta a inscrição para um curso elementar de francês na sede do Sport Club Coimbricense, Largo da Freiria, n.º 14.

Este curso, regido pelo professor sr. Vianna de Lemos, realizar-se-há naquele mesmo Club.

Offo Biener & C.ª, L.ª

Representantes de varias fábricas alemãs

Sede **Armazem**
Rua Ferreira Borges, 175-2.º Rua da Soia, 100
COIMBRA
Telegr.: — MAQUINAS

Agencia em Barroca — FUNDÃO

Máquinas para todas as indústrias

Máquinas agrícolas
electricas, motoras, etc.,
em depósito

Montagens por pessoal alemão devidamente habilitado

Serração e Resinagens

na Barroca — FUNDÃO

PARA GANHAR MUITO DINHEIRO É FACIL

Aprender a fazer

VINHO || **SABÃO**
SEM SER LAVADOR || EM CASA

Cada formulário, Esc. 10\$00

A' VENDA

COIMBRA: Farmácia Rodrigues da Silva
Rua Ferreira Borges, 30
FIGUEIRA DA FZ: "Bazar da Pariz."
Rua dos Casinos

Ourivesaria e Joalharia

Vilaça & Oscar

Sortido completo de objectos
de prata, ouro e jóias

Rua V. da Luz, 97 — COIMBRA

Eduardo Ferreira

**Arnaldo, collectador
encartado.**

Mudou o seu escritório para a
Praça 8 de Maio, n.º 35, 1.º andar — COIMBRA.

Obras de Orison Swett Marden

DA

CASA EDITORA DE A. FIGUEIRINHAS
Rua das Oliveiras, 75 — PORTO

A Alegria de Viver. 9\$00
O Sucesso pela Vontade. . . 9\$00
Os Milagres do Amor. . . . 9\$00
As Harmonias do Bem. . . . 9\$00
Atitude Victoriosa. 9\$00
Os Milagres do Pensamento. 9\$00
O Corpo e o Espirito. . . . 7\$00
O Empregado Excepcional. 6\$00
O Optimismo. 5\$00

Livros de reputação mundial, traduzidos a maior parte em vinte linguas, tendo-se vendido, milhões. São livros que devem ser lidos e relidos por toda a gente. Vendem-se nas principais livrarias.

Ourivesaria Vilaça

Sempre
o mais completo sortido
em ouro, joias, pratas
objectos para brindes, relógios
das melhores marcas,
etc., etc.

102, Rua de Ferreira Borges, 108
COIMBRA

Dr. Pires de Lima da Fonseca

Dr. Vieira Coelho

Abriram escritório de advocacia, nesta cidade, 4 rua Ferreira Borges, n.º 114, 1.º, encarregando-se de todos os processos forenses, cobrança de dívidas e de todos os assuntos de procuradoria.

Pereira Queiroz

MÉDICO e CIRURGIÃO

— Com larga prática —
nos hospitais de Lisboa

Doenças dos paizes quentes

CLINICA GERAL

R. Visconde da Luz, 14

Telef. prov. 66

CAFÉ RESTAURANTE

Santa Cruz

Neste amplo e confortavel
Café Restaurante encontra-
se o melhor serviço, com
módicos preços de almo-
ços e jantares.

Serviço á lista

A LUZITANA

Joaquim Crisostomo da Silva Santos

Officinas e depósito { Largo das Ameias — 12, 13 e 14
Rua Dr. Antonio Granjo, letres A e B

Mobílias completas

Fazem-se orçamentos para mobiliários
completos.

RESPONSABILIDADE efectiva pelo
perfeito acabamento de qualquer
mobília.

As mais elegantes, lindas e sólidas

MOBILIAS

são as confeccionadas na

LUZITANA

COIMBRA

ALFAIATARIA

Antonio Domingos Fernandes

Fazendas nacionais e estrangeiras
e outros artigos de novidade

Praça 8 de Maio (Ao lado do Grande Café Santa Cruz)

COIMBRA

Estabelecimento de Retrozeiro

— DE —

Manuel Joaquim Vilaça

23 — Rua Visconde da Luz — 25

COIMBRA

Artigos de Bordar e de Novidade

Grande sortido em rendas, tiras bordadas,
enfeites para vestidos, fitas de seda e setim, tafetás,
setins, veludos, setinetas, crinolinas,
retrós, torçal, franjas de retrós e algodão,
botões, pentes, granchos, travessas,
linhas, meias, algodões, lãs,
gravatas, luvas de pelica e camurça,
espartilhos, etc., etc.

Faz-se grande abatimento nas vendas por junlo.

Officinas de moveis de madeira e estofos

CASAS DE VENDA E EXPORTAÇÃO

Rua de Quebra Costas, 2

Rua de Fernandes Tomás, 1 a 9 e 21 a 23

Magnifico sortido

de moveis de ferro e madeira,
colchoaria, estofos, oleados, tapêles,
brise-brises, jutas e panos de mesa.

Armadores = Estofadores

Fazem-se estofos, sanefas, reposteiros,
estores, bordados, brise-brises.

CASA OLAI

RESTAURANTE

Ninguém deixe de experimen-
tar a correcção do serviço desta
casa que é modelar.

Até ás 11 horas da madrugada
pode servir os seus Ex.^{mos} Fre-
gueses com o habitual esmero,
já conhecido.

Rua da Sofia — COIMBRA

HUMANIDADE

QUINZENARIO DE ESTUDANTES DE COIMBRA

ASSINATURAS
Cada 6 números. 2\$40
Número avulso \$40
Anúncios, mediante acordo particular

REDACTOR PRINCIPAL
Vitorino Nemésio
EDITOR
Carlos Soares de Oliveira

Redacção e Adm.: R. DO GUEDES, 15
Propriedade da Empresa "HUMANIDADE,"
Tip. Peninsular—P. Velha—Figueira da Foz

RECEBEMOS, assinado pelos representantes das juntas de freguesia desta cidade, um officio em que se invoca "dentro do âmbito da nossa competência" o auxilio para a colónia Balnear de Coimbra no ano de 1925. É uma obra de assistência infantil, visando garantir aos desprotegidos uns dias de ar puro e tonificante á beira-mar. Ideia altamente louvavel e da nossa maior simpatia, aqui fica bem expresso o desejo de que todos os que podem a auxiliem e protejam.

JUSTAMENTE reconhecidos, agradecemos as referencias que a imprensa dedicou ao primeiro número deste jornal. É tão vulgar a falta de camaradagem que as palavras reveladoras do contrario não podem deixar de ser registadas.

TRECHOS escolhidos sobre Camilo e seu centenario:

"A litteratura camilliana é, como é sabido, uma das formas mais facéis e rendosas do "conto do vigário". Preopinante reumático e escrupuloso, de pernas trôpegas, que já não sinta coragem de assaltar o lapis no Terreiro do Paço á chegada dos vapores, impingindo-lhe pedras por outro em pó, já sabe que pode com exito seguro e impunemente armar a sua cilada aos camilianistas. Pode acontecer que o lapis evite o lôgro e o vigarista ordinário, pouco feliz nas suas digressões psicológicas, vá bater com a psicologia e os ossos ás lapas da cadeia; mas não ha memoria de que um pescador de camilianistas não traga presos pela boca todos os fiéis ao seu anzol...

É um desporto absolutamente garantido, e de que falam as gazetas com louvor.

Seara Nova, n.º 40 (artigo de R. P.)

"**ELE** foi o mais português de todos os escritores portugueses. Tão português, que a sua obra não conseguiu ultrapassar as fronteiras da lingua. Só pode ser compreendida pelos terrantezes de cá ou seus afins muito chegados. Pessoalmente, Camilo foi um simbolo, uma polarização—o tipo do português. Filho... das ervas com pretensões a filho de algo, com a mania das genealogias e dos braços, brigão, volteiro, conquistador, místico, libertino, desbocado, perdulário, maldizente, trapaceiro...

É bem o tipo. Era isso mas tinha génio, uma coisa que os ou-

BRIO ACADEMICO

É vulgar, é por vezes uma scie e um leit-motif de periodos girandolantes em discursos, este sentimento da honra, da dignidade académica. Vem a proposito e a despropósito de tudo: uma grêve por capricho ou por fortes motivos, um caloíro que não acata as praxas ou se arrepiava ao contacto da tesoura, uma qualquer sarrafusca com os que se convencionou chamar futricas, uma passagem de graça... forçada até Lisboa. Para tudo isto se alega e invoca o brio académico. Muitas vezes se tem invocado fóra do tempo e de propósito, algumas vezes por desvario, outras por teimosia. Ter brio académico é coisa rara neste tempo e bem diversa do que muitos julgam. Ter brio académico é possuir, latejante, a maxima porção de generosidade e de abnegação: é dar todo o nosso esforço, desde o riso ás amarguras, á causa ideal que deve existir em qualquer espirito moço; é vibrar pelo trabalho, a corda sincera das ideias e não a dos preconceitos.

O brio do estudante deve consistir em ser estudante, e si-lo é alguma coisa diferente do que ter possibilidades de gastar em Coimbra um dinheiro mais útil noutro destino, e uma época da vida que deixará no espirito marca indelevel até ao fim. Para saber rir é preciso ser inteligente, mas nem o riso nem a intelligencia excluem o trabalho e a reflexão. Não nos deixemos levar por impulsos que nada tem de notavel, alem da inconsideração dos arrastados; busquemos formas por nós próprios as nossas ideias, muito embora elas vão contra todas as outras; reflitamos sempre e não nos esqueçamos que o coração é um musculo bem distante do cerebro. Nisso está, principalmente, o nosso brio de académicos e se cada um dos colegas reflectir ha-de ver que esta noção se afasta em muitos pontos do conceito usual...

: LUAS :

Lá por fóra o luar é um vendaval de luz,
Como este amor desvairado,
Que nasceu numa hora de pecado
E há-de morrer numa cruz!

Lá por fóra o luar é um dilúvio de alvura:
—O teu corpo arrepiado,
Quando o tenho nos braços enleado,
E os teus olhos são lagos de ternura!

Hoje fiz-te chorar; eras tão linda assim...
(Lá por fóra o luar, pela noite sem fim,
É um duende a correr por montes e quebradas!)

—São luas, sabes, meu amor?— Desejos
De te ferir, para beber, aos beiços,
As tuas doces lágrimas salgadas!

A. DE SOUZA

tros seus compatriotas não costumam ter. E era também nacionalista, tradicionalista, legitimista... Pois os mancebos da tradição não o ergueram nos seus escudos, deixaram que os conselheiros o elevassem nos côcos...

Neste centenario cumpriu-se todo o ritual da banalidade: o selo comemorativo que só aparece muito depois da data a comemorar; a primeira pedra do monumento que nunca se ha-de erguer; a lápide na casa, onde ninguém sabe se nasceu o preiteado; a sessão solene, para onde se vai bocejar; a recita de gala, que antes se deveria chamar de gálo, por terminar de madrugada; e, porque dum homem de letras se tratava uma montanha de papel coberta de letras...

Inventaram-se até umas medalhinhas, para serem vendidas como os registos dos santos nos arrais, mas as medalhas também não chegaram a tempo.

Suplemento d'A Batalha de 23-3-925.

NOVIDADES LITERÁRIAS: Os Pobres, de Raul Brandão e D. João, de Manuel da Silva Gago. No próximo número José Régio dirá o seu entender sobre estes dois livros que tornaram notavel, intellectualmente, a semana que passou.

O Moderno Foot-ball Club, florescente agremiação desportiva de Coimbra celebrou no dia 29 o seu aniversario. A Humanidade, agradecendo o convite dirigido, faz votos pelo seu desenvolvimento e prosperidades.

FAUSTO Gonçalves, pintor coimbrão e Antonio Vitorino, artista modelador, abriram a sua exposição no domingo, no atelier do primeiro, á cumeada. Brevemente daremos as impressões que dessa visita nos ficaram.

Administração—Vamos enviar para o correio os recibos da cobrança dos primeiros seis números. Pedimos a todos os assinantes que satisfaçam a importancia da assinatura, evitando-nos prejuizos facilmente calculáveis.

A Humanidade vende-se em Coimbra na Tabacaria Pátria, R. da Sofia; Casa Crespo, R. Ferreira Borges e Casa Transmontana, R. Larga.

Sala
Gab. O.S.
Est.
Tab. 1021
N.º

POETAS

DE COIMBRA

... le ciel étoilé audessus de nos têtes ...

I

Kant

Sobre este mundo, leve grão de areia,
Caravela febril no Espaço imenso,
Deito os olhos ao alto e sonho, e penso,
Vendo os astros a arder na curva cheia.

Tantas estrelas, sois! Não ha quem leia
O total d'astros, sois, no Azul suspenso.
Milhões sobre milhões! Numero intenso
Que o pensamento nosso ofusca e enleia.

Voa mais longe a vista ebria do sábio
Na Imensidão, que é esfinge de granito,
De olhar perturbado e frio lábio.

São mais subtis os vidros das lunetas
... E sempre a vista humana no Infinito
Olha mais sois, mais terras, mais planétas! ...

II

Oh velho sábio implume que exuminas
A página imortal do firmamento:
Se tudo rola em largo movimento
Na precisão das leis que determinas,

Dize: Quem ha creado o regimento
De harmonia dos sois pelas campinas
Do espaço, misteriosas, cristalinas?
Jogos de força, Acaso ou Pensamento?

Quem regula as moléculas inglórias?
Os astros, aos milhões, cegos, que flama
Doida os lançou nas curvas trajectórias?

Que rebanho d'astros multicôr,
— Mundos longinquos, cujo corpo é lama
Terão ventura e guia dum Pastor?

III

... Ou dize tu, oh Sirices que me fitas
Com teu olhar azul, tremendo e mudo,
Onde existe a Razão, Razão de tudo,
Dessa vida febril em que te agitas?

O que é que faz viver essas finitas
Vidas, cantando luz no céu desnudo?
Porquê ou para quê com britho agudo
As órbitas dos mundos são descritas?

E a vida entanto foge sobre a terra
Entre as lutas dos homens e os insanos
Anhélos de saber se a Razão erra.

Assim eu penso, olhando o fundo Espaço
Onde as estrelas ha milénios d'anos
Que abrem seus olhos d'ouro sem cansaço!

1924

Silvio de Lima

Notas sobre uma conferên- cia - abortada

A proibição da conferên-
cia do sr. Homem Cristo, fi-
lho, ia tendo jôros de aconte-
cimento neste pacato meio e
mesmo fóra dele. Essa ordem
proibitiva foi produto duma
errada noção de liberdade
que orienta os nossos minis-
tros, e os nossos governadores
civis. Acresce que nem mesmo
esse errado conceito é seguido
fielmente, e assim aparecem
proibidas reuniões que nou-
tras circunstancias de tempo
se realizaram sem empêno de
maior. Protestamos contra o
aludido facto, bem como con-
tra a opressão á propaganda
e defeza serena das ideias de
quem quer. Em nome da lei
só deviam ser proibidas as
conferencias dos que não teem
ideias.

O motivo alegado pelo sr.
Joaquim Domingues, recean-
do que o hospital não che-
gasse para conter os feridos e
que os lenços encharcados de
lágrimas escorressem até o
Mondego crescer é na verda-
de para ponderar duas ve-
zes. Se não é blague de
jornalista ávido de sensation
merece que se tome na devida
conta, a qual vem a ser o
alongamento das enferma-
rias, ampliação da morgue e
vedação conveniente do rio...
O pai do sr. Homem Cristo,
filho, chama no seu jornal
coisas feias e nomes resoan-
tes ao governador civil, am-
bos prevêem-lhe a queda, e fu-
do porquê? Porque S. Ex.^a
manifestou para com a espé-
cie humana sentimentos que
adornam os sócios da Socie-
dade Protectora dos Animais.
Se o sr. governador conheces-
se os Evangelhos já tinha
murmurado: «Perdoae-lhes,
que não sabem o que fazem!»

Tentou-se ainda realizar
a conferencia na A. A., tal-
vez por ser mais perto do
hospital. ... Opuzeram-se al-
guns sócios e gritaram a fa-
vor outros sócios e não sócios.
A direcção fez contra-vapor e
disse que não por razões de
grande peso.

Discursos inflamados, vo-
zearia, manifestações, segun-
do o temperamento de cada
um e o sr. Homem Cristo, fi-
lho, sóbe a um môcho, deita
fala; mas ao contrario do
que se esperava e era natural,
não ensina por parábolas.

Abriu os braços no geito do
Dominus vobiscum e disse
que estivera em Paris, dispa-
rou-nos mais três periodos se-
gundo o modelo do conselhei-
ro Acácio e... Ite, missa est.
Como a maior parte dos es-
tudentes não quere saber de
latins, em vez de responder:
Deo gratias, deu palmas...
E assim terminou aquella
gloriosa jornada...

Sustentar que um determinado dogma
tem o selo da revelação divina é o cú-
mulo da presunção e da soberba.

Não ha maior loucura que a de en-
castelar-se em «o que eu digo, di-lo
Deus por minha boca». E nada tão fal-
so e mentiroso como responder a quem
diz que Deus fala por sua boca: «Não,
pela tua boca não fala Deus, mas sim
pela minha, e Deus ensina exactamente
o contrario do que tu pregas». Pois as-
sim raciocinam todos os concilios, todas
as egrejas, todas as seitas; daí provem
e continua originando-se todo o mal que
castigou o mundo, ontem e hoje, em no-
me da religião.

Tolstói

RELOJOARIA
COMERCIAL
de Adolfo Pinto de Sou-
za - Praça do Comercio,
68 - COIMBRA - Neste
estabelecimento ha
sempre para vender um
completo sortido em re-
logios de bolso, mesa,
parede e despertado-
res. Encarrega-se de
todos os concertos de
relojoaria, garantindo
os relógios vendidos ou
concertados

Francisco Alves Correia

ESTABELECIMENTO
— DE —
FAZENDAS
E MODAS

PANOS BRANCOS,
ZEFIRES, LÃS, etc.
GRANDE SORTI-
DO EM MEJAS E
PEUGAS, LINHOS
E ATOALHADOS.

Enviám-se amostras

Sua Parreira Borges
161 - 163
COIMBRA

A duvida é a dignidade do pensa-
mento. É preciso, pois, expulsar de nós
o respeito cego de certos principios, de
certas creações; é preciso poder pôr tu-
do em duvida, examinar, prescrutar tu-
do; a intelligência não deve baixar os
olhos, nem mesmo diante do que adora.

Guyau

A LUZITANA

Joaquim Crisostomo da Silva Santos

OFICINAS E DEPOSITO: Largo das Ameias, 12, 13 e 14—Rua Dr. Antonio Granjo, letras A e B

CASA DE VENDA EXPORTAÇÃO: Rua de Quebra Costas, 2—Rua Fernandes Tomaz, 1 e 9 e 21 a 25

Officinas de moveis de madeira e estofos - - - - - MOBILIAS COMPLETAS

Fazem-se orçamentos para mobllias completas-- Responsabilidade efectiva pelo perfeito acabamento de qualquer mobllia

Magnifico sortido de moveis de ferro e madeira, colchoaria, estofos, oleados, tapetes, brise-bris, jutas e panos de mesa

Armadores--Estofadores

Fazem-se colchoas, sanetas, reposteiros, estofos, bordados e brise-brises

As mais elegantes, lindas e sólidas MOBILIAS são as confeccionadas na

LUZITANA - Coimbra

Café Restaurant

SANTA CRUZ



Neste amplo e confortavel
Café Restaurant encontra-
se o melhor serviço, com
módicos preços de almo-
ços e jantares :::::
: SERVIÇO À LISTA :

Estabelecimento de Retrozeiro

DE

MANUEL JOAQUIM VILAÇA

23 - Rua Visconde da Luz - 25

COIMBRA

00000000



ARTIGOS DE
BORDAR E DE
NOVIDADE

Grande sortido em rendas, tiras bordadas, enfeites para vestidos, filas de
seda e satin, tafetás, satins, veludos, satinetas, arinolinas, retós, torçol,
franjas de retrós e algodão, botões, pontas, ganchos, travessas, linhas, al-
godões, lãs, meias, gravatas, luvas de pelica e camurça, espartilhos, etc.
FAZ-SE GRANDE ABATIMENTO NAS VENDAS POR JUNTO

✿ ✿ **ALFAIATARIA** ✿ ✿

ANTONIO DOMINGOS FERNANDES

Fazendas nacionais e estrangeiras e outros artigos de novidade

PRAÇA 8 DE MAIO (Ao lado do Grande Café Santa Cruz)

COIMBRA

CASA RESTAURANTE
OLAIO

Ninguém deixe de experimentar a correcção do serviço desta casa, que é modelar.

Até ás 2 horas da madrugada póde servir os seus Ex.^{mos} Fregueses com o habitual esmero, já sabejamente conhecido.

RUA DA SOFIA . COIMBRA

Das Ideias e dos LIVROS

O Movimento de Arte Modernista em Coimbra

: Sobre um Manifesto e uma Conferência :

Alguns rapazes aos quais tenho a honra de estar ligado, tentaram nesta pouca moderna cidade de Coimbra um movimento de Arte Modernista. Por enquanto, os únicos factos desse movimento são um manifesto e uma conferência que não chegou a ser ouvida. É pouco, mas será mais. Ora como nem esse manifesto nem essa conferência foram compreendidos, o que de resto já esperávamos, eu direi sobre eles algumas palavras de crítica interpretativa. Primeira-mente: Pela leitura do manifesto, toda a gente julgou dever classificar-nos de *futuristas*. Desconfio muito que de toda essa gente bem poucos estão informados sobre o Futurismo: O manifesto que saiu é apenas uma espécie de cartaz arrogantemente lançado á atenção pública. O que nele possa haver de *blague*, de levandade moça, de exagêro rebuscado e consciente, de *pastiche* do Futurismo — não escapou á maioria do público, como não escapa aos seus autores. O que á maioria do público escapou foi o que nele há de sério, de sincero, de profundo. Certas inovações gráficas, certos arrojos gramaticais, de pontuação e de ortografia, bastaram a irritar muita gente e a toldar muitos olhos. Por isso muita gente não quiz compreender que apesar das inovações, dos arrojos, das extravagâncias, afloravam no manifesto inteligências e sensibilidades: que essas inteligências e essas sensibilidades não podiam tomar por sua finalidade, estética tais inovações tais arrojos e tais extravagâncias, — que em parte concordo sejam de mau gosto e nem sempre originaes, aceitando no entanto, e orgulhosamente, toda a responsabilidade que me advém de ter apoiado o manifesto. Quem quizer ver como não só em Coimbra (Oh! em Coimbra!) mas até em todo o Portugal são ainda hostilizadas e incompreendidas tentativas estéticas perfeitamente aceites lá fora compreenderá que um grupo de moços tenha a mocidade de atirar ao publico uma imperfinência, uma incoerência, uma rebeldia, um exagêro, uma atitude desconjuntada... O manifesto é isso. É como para alcançar dez é preciso pedir cem, e para chegar ao meio do monte é preciso por os olhos no cume, para que lhes seja reconhecida a liberdade de serem na sua Arte aquilo que são — julgaram os autores do manifesto que deveriam eles impôr ao público a sua personalidade caricaturada. Pode-se não concordar com os processos seguidos: julgo que as intenções finais são legítimas,

e deveriam ser simpáticas a todos os Artistas. Porque a finalidade de tudo isto é apenas, num campo muito largo, a liberdade de cada Artista criar a sua própria Arte. Restringindo o caso a nós — nós que feliz ou infelizmente somos bem de hoje essa liberdade é a liberdade de cada um ser de hoje através da sua sensibilidade própria. Poderiam estas coisas ser mais ou menos compreendidas, se a conferência que Antonio de Navarro tentou realizar tivesse sido ouvida, confrontada com o manifesto, e inteligentemente interpretada. Mas Antonio de Navarro foi pateado por muito sinceramente querer dizer, a um público quasi só composto de estudantes, portanto de colegas seus, palavras a que ele dera a eloquência do cérebro e a do coração. Não acham que os comentarios são inúteis? Parece que numa terra onde ha uma Universidade que blazona de ser a primeira do paiz, deveria predominar a cultura intelectual, a disciplina critica, a elegância moral. Parece ainda que um público quasi só composto de moços deveriam ter a generosidade natural, a camaradagem ampla, a áncia de inédito, que caracterizam a mocidade. Infelizmente, parece também que nada disso acontece. Perdõem-me todos aqueles a quem estas palavras não assentam. Eu sei que eles existem, e com eles conto para a reacção do Espírito sobre o Instinto, da força interior sobre a força bruta. Eis, muitíssimo em resumo, o que eu queria dizer sobre o quasi-nada que o movimento modernista realizou. Sobre o que realizará, falar-se-há a seu tempo.

José Régio

Livros recebidos

Manuel Monteiro. «Camões-Luzadas». 1924. É uma conferência proferida na E. P. B. de Leiria, onde as virtudes e trabalhos do nosso épico são devidamente isolados. Camões tem tido tanto quem dele fale e escreva que não admira que appareça gente a dizer que o não entende.

É ainda discutivel o valor do ensino camoniano em escolas secundarias, mas já que a lei assim está não se deve vituperar os que procuram cumpri-la, antes pelo contrario.

Alberto d'Aimada M. de Carvalho. «Vida Pastoral e A Sr.ª Professora».

(Dois pequenos romances). 1923. Trabalhos d'um homem de litta, que se põe na literatura, cansado da aridez do código, ao que diz.

Sendo assim não é de admirar o aspecto pouco literário que apresentam as suas composições. Em horas de desfastio raramente se consegue fazer bonito. E se afinal com esse folheto o autor conseguiu repouso o espirito e ainda prgan a edição, é caso para que o felicitemos pela ausência, mesmo paga, nem a todos é permitida...

A' margem da questão sebástica

Dados neste numero um excerpto da conferencia que sob este titulo realizou no Teatro Souza Bastos o nosso antigo Mário de Castro, e que brevemente será publicada na integra:

—«Com efeito, ■ admitindo ainda um momento mais que a sua critica á democracia está certa, sabe ■ sr. Carlos Malheiro, sabe toda a gente, que a democracia embora haja de se considerar um flagelo, é todavia um flagelo inevitavel como uma sa- raivada ou outro qualquer fenómeno da Natureza, um facto, ■ facto ultimo, irreversivel ■ fatal de nossos dias. «Pode-se deplorar, como ■ deplora a volta do inverno, mas com a mesma inutilidade. É absurdo entregarmos por sua causa a uma filosofia de gemidos. O melhor é acomodarmo-nos a ela e adoptar-lhe o melhor possivel as instituições de forma a extrair-lhe ■ maior bem ou, ao menos, o menor mal». Parece-me, por consequencia, que exortar os moços a combater contra a democracia, será induzi-los a um desperdício quixotesco ■ inglório de energias viris e generosas, que seriam incomparavelmente mais úteis ao patriótico anseio de todos, empregados, não em utopias de destrui-la, mas no esforço construtivo de organisa-la. Sabe, aliás, o sr. Malheiro Dias que a sua exortação aos moços para que extremassem campos, opondo ás fileiras da plebe as fileiras dos intellectualisadores, sobre ser uma instigação á luta de classes, re-lutancionalmente idêntica á do revolucionarismo, seria nos tempos de hoje perfeitamente anacrónica. A parte da revolução industrial na Inglaterra tornou-se cada vez mais difficil estabelecer a diferença entre classes intellectuais e classes que o não são, porque cada vez mais o trabalho manual e o trabalho intelectual se acompanham indissociavelmente, quer por força da sua natureza intrinseca, quer por imposições externas de solidariedade por divisão de trabalho.

Instigar os moços a que mantivessem essa diferença, era portanto instiga-los não só a um anacronismo e a uma utopia, pouco generosa aliás, mas instiga-los ainda a agravar os próprios males que condena. Porque é precisamente por um afastamento sistemático das classes intellectuais, fazendo a cultura pela cultura, num egotismo individualista incompativel com as suas responsabilidades sociais, é precisamente porque os homens de cultura ■ acobardam ■ desertam dos seus lugares de comando, humanamente entendido, é por esse desdém snob dos intellectuais pelos outros, que se tornam possiveis os desvarios ■ os despotismos que ■ sr. Carlos Malheiro Dias attribue ás multidões. E não é instigando ■ moços a que comandem de cima, a que comandem, mas guardando orgulhosamente as respectivas distancias, a que comandem, em fim, que esses desvarios e esses despotismos ■ aplacem.

Sabe, porém, o sr. Malheiro Dias que a democracia não é esse despotismo das multidões, nem essa liberdade licenciosa, nem essa egualdade sem restrições, que como tal vinha apresentar aos estudantes de Coimbra. Os seus venerandos cabelos brancos de patriota insigne, que respeitamos incondicionalmente, não lhe dão o direito de desacreditar em nome do seu ideal o nosso ideal de democrata, apresentando-o a pessoas de intelligencia delurpado em seus fundamentos. Dizer que a democracia é ■ predominio ultrajante do numero, ■ despotismo anárquico das multidões, seria peor que attribuir ao rei do sistema integralista o poder despótico sobre os seus súbditos. Também nós queremos o predominio da intelligencia e a reintegração de intelligencia nos seus legítimos logares de comando, mas queremos que ela conquiste esses lugares pela demonstração evidente das suas qualidades e governe, não actuando discrecionariamente ■ dispondo dos governados como quem dispõe de coisas, mas convencendo, ■ por isso Bryson diz e muito bem, que a democracia é «a comunidade de obediencia, livremente consentida, a uma superioridade de intelligencia ■ de virtude».

E por isso que queremos ■ predominio da intelligencia queremos que o predominio pertença á verdadeira intelligencia e não a uma camada intellectual seleccionada convencionalmente através de privilegios historicos ■ hadicionaes; ■ para isso é necessario desfazer todas as barreiras artificiosas de preconceitos de classe, criar todas as facilidades economicas que permitam a livre manifestação das vocações individuais. Os democratas não desconhecem as desigualdades naturaes dos homens, mas reconhecem que só na democracia os valores mentaes, protegidos ou desprotegidos da fortuna, tem a necessária garantia de livre expansão ■ desenvolvimento. A igualdade é assim, para eles, apenas a «igualdade do ponto de partida» como é frequente dizer-se em Inglaterra, compativel, portanto, com a hierarquia dos valores.»

Mário de CASTRO

«As diferenciações sociaes baseadas outrora nos privilegios, nos preconceitos de raça, de casta e de religião, essas como que rugas do corpo social, pouco a pouco as foi apagando o nivelamento igualitário dos séculos, a onda aluvial das revoluções. Uma linha divisória — que é um abismo, se mantem porém, ■ cada vez mais nítida, separando implacavelmente os homens. Em abismo é a propriedade, ■ mais forte esteio do poder e da autoridade; é ela que origina a exploração do homem pelo homem ■ mantem no século da liberdade de consciencia o privilegio iniquo do capitalismo... — Manoel Ribeiro

L I T E R A T U R A

A . I L H A . D A . F O R T U N A

DOIS longos sois no mar são já passados que vagamos no *Garajau* de lento baloiço triste, em cata da Ilha Primária ou das Donzelas. Um portulano medieval a traz sob este signo: *Insula Columbi*, ou da Graça de colo real formoso; *Insula Capracia* ou de cabrita úbere e montesa; ao fundo, *Insula Corvi Marini*, esboçadas na traça da pinacoteca de bordo são como sombras deleitosas, rastos de aves de bico dentirrostró. Mas, trabalhados, os dias vão penosos, correm as horas no páteo do mar como nereidas e, pic, pic, nas cordas que a vaga faz erguendo-se, as toninhas cabritam.

O mar é o pastmaceiro mais pasmado e, abalado em seu regular movimento, debaixo do céu, semelha um cérebro de vastos pensamentos.

Às vezes, do cesto da gávea abandonado, um rápax voa, explora em altitude. E seu ólio redondo regressa estático da viva luz difusa, leitosa das nuvens madreporárias que escorrem.

Meio dia batido na sineta de bordo, por toques duplicados, estou na ponta e o capitão do barco. Pêra ruca e confiada, maçãs no rosto vermelhas como camoesas maduras, ele é o oráculo da armada que só tem capitânea.

Vamos muitas pessoas. Embarcaram os cavalheiros vestidos da lã dos merinos, as madamas de farta sêda colada aos peitos e às ancas, como os sábios de barba veneranda e os cansados, esmorecidos jogadores de Mônaco. Em meia nau subiram criados à tola com almôços frugais, queijos da serra e os amanteigados flamengos, dois gomos da desenojativa laranja e um hemistério do citrico frutinho. E inclinados, tentando o disco, caixeiros de mostras da Covilhã jogam o burro.

A civilização da Europa estava mesquinha e caduca. Os ódios á sôlta eram como lobos vorazes mamando na mãe romana, não como Rômulo, como Remo os fundadores da cidade, mas como parasitas derradeiros da velha cidadania. De-balde os povos esperaram que breve, de Leninegrado, viesse o resgate requerido.

Só o mal, pegando como silva, instalava as mais reforçadas raízes para lá dos mais baixos nateiros. E sob a forma múltipla de polo, artil ridente ou negaça, derrubava as raras figuras de asceta, sábio ou letrado em busca da forma arquiperfeita. Os casinos e os bordéis alastravam-se, e não contentes dos mais pacatos burgos, abriam sucursais pelas aldeias serranas, rijas do exemplo austero dos antigos: — a ponto que, roídos de

miséria, os *leaders* sociais passaram a porteiros e contratadeiros de teatro.

Resolvemos pois, perto de mil portugueses, tentar no Mar do Sago as Ilhas da Fortuna. Um conselho se reuniu pressuroso para frelar galeão. Resolveu-se passar á vida verdadeira, sem sinal, nem diferença hierárquica. Mas os batoteiros teimaram em levar no bolso algumas fichas e os caixeiros em trespasar a opópox. Grandes senhoras puseram pó de arroz e encomendaram de Paris bisalhos. Banqueiros trouxeram as amantes em reservada *cabine*. E os papos-secos não abandonaram os monóculos nem os sapatos pontegudos, com ralador na biqueira.

Nas longas horas de bordo, os sedícios costumes burgueses entretem os viajantes: joga-se, pedem-se refrescos gelados; um casinho de fresco maridado rô-rôla contra a amura. Cadeiras de lona atravancam as passagens estreitas, e nelas, recostados com negligente modo, meninas erguem os braços á cabeça. (Bela como és, minha, e de corpo subtil na malha roxa que vestes, suponho-te uma alforreca em seco, vivo presente de El-Rei Mar...)

Murmurado isto comigo, a noite surpreende o barco, encauchada vem de bruxaria e, sem estrêlas, profunda a todo âmbito, é um emplasto de breu no mar Oceano.

— Boa noite! — desci da ponte onde passei a tarde, ao pé do capitão, que agora cachimba o seu fastio, rufando nas vidraças. Sente-se ranger o correnteão do leme, que segue na sua calha, recua, avança de novo e devagar, oleado e grosso. Dou uma volta ao convés. Provida de dois êmbolos, vê-se a máquina trocá-los no labor, e parece uma máquina volante de costura pespon-tando a água salsa. Se houvesse lua, ver-se-ia a cauda espumosa e a sombra do conta-milhas; seria o mar um lençol. Mas não. Enquanto desço ao camarote, desrolo os pés sacando as botas, dependuro o casaco nos varandins do beliche, um novelo de escuridão doba que doba e um ventozinho seco gira-gira. Vuuu... Cantu na mastreação, nos ventiladores, que são como flores de jarro. Um pouco mais bufão apagara Santelmo. E gorgolante, progressivamente voluptuosa, a água a-bombordo — o meu bordo — afoga tôda a vigia.

Vamos experimentar a moleza da cama. Bem... Sómente o cobertor me deixa os pés de fora. Ennogo-me contra o frio, mas a porta bateu, ergui-me e refeguei-a. Só agora, de pupo para o ar, considero a proximidade da terra afortunada aonde pus meu desejo. Lá, dizem, corre o tempo mais doce que um favo de mel cantado por Lucré-

cio. A vida é natural, e branda e boa. Os corações são amplos e perfeitos. E a paz, senhora de asa branca, abraça as coisas tôdas sob o frouxel da penugem, feita da luz mais fofa, do mais meigo calor e da mais santa graça.

Vu, vu... Já, maroto de vento, que me atrasas a marcha!

De manhã. Aromas de cedro, de pitósporo, de faia, impregnam os pulmões á gente; que regalo... Nasceu o sol com rubor de donzela e subiu, deltou no azul um pingo de ouro esplêndido. Eu sonho. E já no horizonte se desenhou a terra. Correm de seus fugúrios as donzelas vaidosas, as rebarbativas damas, os banqueiros da bota ladroa, de borracha. Afluem maquinistas que o óleo vil besuntou, conzinheiros trazendo na mão couves fronchas, os coramastros com véstia de ganga escura. E todos, varados de surpresa, enquanto a sereia larga o seu pio de espanto, vêem, ao fundo, enorme, ascendendo em pluvial de rosas a grande ilha

de que Platão falava, e nela a *Civitas Dei* formidanda.

Uma abada de pétalas e folhas cai, tomba sobre os maldosos de nós: é a luz da aurora. Mas já no esplendor subitâneo, sucedeu oiro, oiro vertido, pluri-forme e ofuscamente, sucedeu a luz que a todos esclarece e iguala dadivosa. Não mais, em velhas cidades corroídas, sombra de hostil palácio a dar alento á humidade, e nesta, sobre cacos de barros, sobras de rancho podre aos pobres tristes. Nunca mais a belesga e nela aberta a porta onde a pobrinha, necessitada rameira, debruça os seios e espera. Para longe e verde tape-te onde os cegos, os maus de entendimento, lançam o pão das filhas em rodela. E prisões de revoltados justos, de ladrões sem roubar, de matadores que apenas deram vida, nunca mais junto ás muralhas dos fortes, ao pé das tôres feias, com negras varas de que fogem pombas.

Primaria sive puellarum, a ilha da Fortuna abriu seu seio a nós todos.

Vitorino Nemésio.

ASTELARIA CENTRAL

Primitivo serviço de cozinha com eximios cozinheiros. Grande

sortido em confeitarias e chocolates nacionais e estrangeiros.

CHÁ e CAFÉ. Cerveja, Licor, Vinhos de mesa e Champanha.

panhas. Especialidade em doce de ovos, brigadeiros, etc. For-

nos-se serviços para casamentos, batizados, noivos, etc.

ALMOÇOS E JANTARES.

SERVIÇO À LISTA, SE-

ÇÃO DE RESTAURANT

NO PRIMEIRO ANDAR

SOARES, MATTOS, & C.^ª

R. Ferreira Borges, 33 a 37 - COIMBRA

«E' também para notar que o parlamento tende cada vez mais a ser um organismo administrativo. A questão social é uma questão de ordem pública. E' uma questão com a polícia. A questão financeira é a mola real de toda a engrenagem parlamentar. O ideal do bom político está em administrar bem. Uma situação política é uma gerência. A política — reflexo da fase industrial que a civilização atravessa — tem necessariamente de ser mais a arte de administrar do que a arte de governar.

O que é que nós fazíamos num parlamento destes? —»

Manuel Ribeiro

Dr. Pires de Lima da Fonseca
e Dr. Vieira Coelho

Abrem escritório de advocacia, notaria pública, a Rua Ferreira Borges, nº 114, 1.º, encarregando-se de todos os processos forenses, elaboração de divórcios e de todos os assuntos de prática jurídica.

Universidade Livre

Conferencia pelo academico José Crespo.

Por iniciativa da Universidade Livre realizou no Ateneu Commercial, o academico José Crespo, a sua anunciada conferencia sobre o uso do tabaco e os seus efeitos.

O conferente, que foi ouvido por uma numerosa assistência combateu o seu uso com basta soma de argumentos e apontou os males que dele adveem para o organismo humano, terminando por pedir a todos os presentes que concorram para que esse terrivel vicio não mais se propague e façam por evitar que os menores fumem.

«Como elas próprias confessam as religiões não se dirigem á convicção fundada sobre razões; dirigem-se á fé especada sobre a revelação. Ora, é na infancia que a aptidão á fé é mais forte; eis por que elas teem em vista, antes de tudo, apoderar-se dessa teia idade. Desta forma, bem mais ainda que pelas ameaças e narrações de milagres, e que as doutrinas da fé se enraizam. Se na primeira juventude se expõe frequentemente ao homem, com uma solenidade desacomumada e ar sério, completamente novo para ele, certas vistas e doutrinas fundamentais, a impressão será tão profunda que, em regra geral, isto é, na maioria dos casos, não poderá duvidar das doutrinas a menos que duvide da sua própria existência. Eis porque, entre milhares de indivíduos, apenas um possuirá assaz firmeza de espirito para se perguntar seriamente e sinceramente: isto será verdade? E assim, a classificação de *espiritos fortes* dada a quem possui essa firmeza é mais justa do que vulgarmente se julga.

Schopenhauer

Pereira Lucifora

MEDICO E CIRURGAO

Com larga pratica nos
Hospitais de Lisboa:

Doenças dos países quentes

CLINICA GERAL

RUA VISCONDE DA LUZ, 14
TELEFONE PROV.: 56 - COIMBRA

OURIVESARIA

00 **Vilaça** 00

Sempre o mais completo sortido em
ouro, joias, pratas, objectos para
brindes, relógios das
melhores marcas, etc.

102 - Rua Ferreira Borges - 106
COIMBRA

Otto Biener & C.^a, L.^{da}

Representantes de varias fabricas alemãs

Séde - Rua Ferreira Borges, 175-2
Armazem - Rua da Sofia, 98 a 100

COIMBRA

Telegramas: MAQUINAS

Agencia em Barroca - Fundão

MAQUINAS

PARA TODAS
AS INDUSTRIAS

Maquinas agricolas, electricas, motoras, etc.,
EM DEPOSITO

Montagens pessoal alemão devidamente habilitado

Serração e Resinagens na Barroca - Fundão

*Sortido completo
de objectos de prata,
ouro e joias, na Ourivesaria e Joalheria
de Vilaça & Oscar,
Rua Visconde da
Luz, 17 - Coimbra.*

*Eduardo Ferreira
Anallo, solicitador
encarregado, mudou o seu
escritório para a D.
S de Alentejo, n.º 35,
1.º andar - Coimbra.*

PARA GANHAR

MUITO DINHEIRO

É FACIL

APRENDER A FAZER

VINHO

sem ser lavrador

SABÃO

em casa.

Cada formulario, 10\$00 Esc.

A' venda em Coimbra:

Farmacia Rodrigues da Silva

Rua Ferreira Borges, 30

e na Figueira da Foz: - BAZAR DO PARIS, Max dos Casinos.

FARMACIA

Armenio Ferreira, Limit.^{da}

2 - RUA FERNANDES TOMÁS - 6

(Antiga Rua das Fugas)

COIMBRA

Especialidades Farmaceuticas

Nacionais e estrangeiras

Serviço permanente

LIVRO MEMORIAL

A Figueira da Foz a
Camilo Castelo
Branco
no seu centenário
1825 a 1925

Volume de 150 paginas, constituido
pelo sumario seguinte:

Camilo Castelo Branco, fotografia inédita, oferecida no verão de 1888, na Povoza de Varzim, ao Barão de Ribeira de Pena - Comissão promotora da comemoração. - Duas palavras. - Uma carta de Camilo a Belde-monio. - A' volta das folhas caídas apanhadas na lama, por Henriques Marques. - Camilo e o caso do Major Quillinan, por Julio Dias da Costa. - Uma opinião de Camilo, por Padre Manuel Ferreira Magro. - A propósito duma espada, por dr. Francisco Canavaro de Valadares, (Ribeira de Pena). - Uma variante de Camilo, por Manuel Cardoso Maria. - Das tendencias camilianas, por M. Duarte Lopes. - Camilo, a sua vida e sua obra, por Luiz de Oliveira Guimarães. - Lendo Camilo, por Santiago Prezado. - O teatro de Camilo na Figueira, por Pedro Fernandes Tomaz. - Camilo, por Borbon e Menezes. - Carta de Camilo a D. Pedro II do Brazil, por Mario Azenha. - Um desconhecido tradutor de Camilo, por Henrique de Campos Ferreira de Lima. - Os professores na vida e obra de Camilo, por Eloy do Amaral. - O elemento figueirense na obra de Camilo e na sua difusão, por dr. José Salinas Calado. - Camilo, por Antonio Ruas. - Camilo e o realismo, por Claudio Basto. - Um personagem de Camilo, por Antonio Canavaro de Valadares Pacheco d'Andrade. - Uma carta inédita de Camilo, ao 2.º Barão da Ribeira de Pena. - O Brazão de Montezellos, por Filipe Martins de Aguiar. - Camilo, por Raimundo Esteves.

Gravuras: - Manoel Thimoteo Pacheco de Valadares, governador da Ilha de S. Miguel. - Portal armoriado da casa do Barroso, em Bragadas, que inspirou a Camilo a História duma Porta. - Capela de São Gonçalo de Freume. - Desenho de Alfredo Candido, alegorico à obra de Camilo. - Pedras d'armas da Casa da Olaria (Brazão dos Peixotos com o timbre dos Vieiras). - Loja de Sebastião Martins dos Santos, sogro de Camilo, em Freume. - Ponte da Cavez, onde se desenrola a acção do magnifico conto de Camilo, Como Ela o Amava. - Brazão de Montezellos. - Jaime Dias. - Actor Dias. - Grupo de familiares de Camilo, (J. Coelho de Carvalho (e Flstula do Eusébio Macário) o actor Dias e Nuno Castelo Branco. - Casa de São Miguel de Ceide. - Catálogo da Exposição Bibliográfica e Iconográfica.

PREÇO 10\$00

A' venda em todas as livrarias

CASA DEPOSITARIA

TIPOGRAFIA PENINSULAR

Praça do Comercio, 19

FIGUEIRA DA FOZ

Tipografia

A PENINSULAR

Encadernação

OFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE

Praça do Comercio, 17, 18 e 19 — FIGUEIRA DA FOZ

Estas oficinas, montadas com material novo e moderno executam todos os trabalhos tipográficos e de encadernação, simples e de luxo, para o que tem pessoal habilitado e maquinismo próprio

Completo sortido de papeis nacionais e estrangeiros

Impressão rápida e perfeita de facturas, envelopes, memorandums, postaes, cartões, prospectos, livros, revistas, jornaes, etc., etc.

SAPATARIA CARVALHO

: DE :

: Antonio Augusto de Carvalho :

Rua das Flores, 47 ■ Rua do Estanco, 7, 9 e 11
FIGUEIRA DA FOZ

Executa calçado por medida, de todas as qualidades, tanto para homem como para senhora e criança, tendo pessoal devidamente habilitado para a confecção dos mais elegantes modelos.

Tem a venda todos os artigos da sua especialidade

Exportações para Africa

EM TOMOS DE 32
PAGINAS: 50 Ctvs.

AS DUAS ORFÃS

Novamente vamos apresentar aos nossos estimáveis assinantes este notavel romance, produção literaria do famoso romancista D. JULIAN CASTELLANOS, auctor das obras já publicadas e tão longamente apreciadas pelos nossos leitores: «As Duas Maritimes», «O Amor Fatal» e «Vinganças de Mulher». O seu entredo é consuetudo por situações e peripécias profundamente convenientes, que se succedem quasi sem interrupção, e que imprimem a toda a obra um cunho altamente dramático e impressionante. De que não podem de modo algum ser consideradas como exageradas estas asserções mais manifestas prova os episodios sensacionais, narrados logo nas primeiras paginas do romance, e que constituem por assim dizer o ponto de partida para as numerosas scenas palpitantes do mais ançoso interesse, que seguidamente se desenrolam.

Este interessantissimo romance é o drama *As Duas Orfãs*, muito conhecido do nosso publico por ter sido representado numerosas vezes e sempre com os mais calorosos e significativos aplausos em todos os theatres de Lisboa e das provincias, Brazil e illhas.

Excelentes illustrações distribuidas gratuitamente

CASA EDITORA — Belem & C.ª, Sucessores

Calçada do Combro, 29 — 2.ª - LISBOA

Livro Memorial

A Figueira da Foz
a Camilo Castelo Branco
no seu centenario
1825 ■ 1925

Volume de 150 páginas, collaborado por distintos camilianistas, tendo apenso um catálogo bibliográfico ■ iconográfico.

PREÇO 10\$00

CASA DEPOSITARIA
TIPOGRAFIA PENINSULARPraça do Comercio, 19
FIGUEIRA DA FOZ

13

Breve ? mente

14

PAGINA . SPORTIVA

Campeonato de Coimbra

Academica 2 — União 0

Os encontros Académica-União são sempre aqueles que se esperam com mais interesse. O União mantém o sonho de vencer a A. A., mas sai sempre do campo com mais uma desilusão.

No dia 15 teve mais uma, não tão grande como devia, porque o seu rival jogou com um nervosismo extraordinário quando lhe faltou Esquivel.

Apezar da «score» que podemos considerar baixo, dada a diferença dos adversários, a Académica dominou muito, mostrando uma maior quantidade de conhecimentos.

Contudo, e como nos anos transactos, a União diz que «para a segunda volta»...

E' provavel, porque nessa altura já joga o «formidável» Matos...

Homenagem

A direcção da Associação Académica prestou no dia 23 uma festa de homenagem ao seu jogador de primeiras categorias de «foot-ball» Antonio Galante.

Este velho jogador da gloriosa Académica vai casar-se e deixa, com bastante mágoa de todos, de prestar o seu concurso valioso ao «onze» de que tem feito parte.

Nada mais justo do que a festa de 23. Galante foi sempre um seguro esteio do seu grupo e um jogador modelo.

Em varios brindes que lhe fizeram foram salientadas as suas qualidades de camarada e de desportista sempre leal.

Galante vai em plena tórrea e deixa o seu grupo sem alguém que o substitua com vantagem.

D'aqui nos associamos á homenagem prestada a Galante e fazemos os votos mais sinceros para que encontro na sua nova vida as felicidades de que é merecedor.

Coimbra - Braga

Preparavamo-nos para escrever aquilo que pensavamos sobre tal assunto, quando não amiga nos entregou o numero da «Gazeta de Coimbra», que acabava de sair.

Fomos ler a sua secção sportiva e encontramos aquilo que esperavamos, uma carga á Associação Académica.

Foi nosso primeiro intuito nada responder em defesa da A. A., porque ela está um pouco superior a tudo aquilo que dizem os jornalistas sportivos cá da terra, mas cumpre-nos por as coisas no seu devido lugar.

Diz a «Gazeta» que a atitude da Académica, «suja qual fôr» o seu fundamento, é pouco sportiva.

Então não será razão sufficiente o facto de quatro jogadores estarem absolutamente impossibilitados de jogarem?

Uns, estão magoados, como

Esquivel; outros, tem a sua vida escolar um pouco embaraçada.

Fala o jornalista nos regulamentos que se tem de cumprir. Veja quanto é infeliz!

O regulamento da A. F. C. diz que «a A. A. não será obrigada a jogar oito dias antes e oito dias depois de férias».

No domingo, 29, a A. A. fica dentro da lei. Mas, num infeliz jornalista, a A. A. não se recusou a jogar na selecção, pediu que fosse adiado o encontro, para que não houvesse um fiasco. Fez um pedido a tempo de a A. F. convençionar com Braga o adiamento do desafio. A Académica conhece muito bem o «onze» representativo de Braga e não queria que se travasse uma luta inglória.

A A. A. tem mais consideração para com a cidade do que ela costuma ter para com o seu grupo. Enquanto os seus homens trabalhavam para bem vencerem a selecção da Figueira, os naturais criticavam desfavoravelmente o seu jogo.

Parece nos que a A. F. C. proceda de animo leve. Devia ponderar o pedido que lhe faziam. Não quiz, organizou uma especie de selecção que vai apanhar poucas em Braga.

Assistimos ao treino d'hoje e vimos convencidos de que a derrota deve ser grande. Na primeira parte do mesmo treino, Nito, o «explendido» guarda-redes, fez um pessimo mergulho, quando a bola ainda estava nos pés do jogador contrario.

O tão falado Matos, que a «Gazeta» põe em lugar superior a Lopes, continúa sendo um pessimo

mo avançado centro. Não sabe o que é distribuir jogo; ele e só ele. Os seus companheiros nada recebem dele.

A selecção vai muitissimo fraca. Cheira-nos a uma pesada derrota para Coimbra.

26.3.25.

Até a selecção que a Associação de Foot-ball arranhou quando conseguiu empatar em Braga.

Lá diz o ditado: — ao menino e ao borracho.

Dada a inferioridade da selecção que representou Coimbra, á sua falta de conjuncto, de homogeneidade, de peso e de jogo, uma dedução se tira do resultado: ou Braga jogou muito mal, ou o factor «chance» sorriu nos noventa minutos ás balizas coimbricenses.

Seja o que fôr, o que é verdade é que o districto de Coimbra não exhibiu em Braga o seu melhor esforço em foot-ball. E a prova é que apesar do empate, os nossos foram completamente dominados.

Não nos move qualquer resentimento contra este ou aquele. Antes pelo contrario, os jogadores são dignos de todo o elogio pela prima com que procuraram honrar o «foot-ball» coimbricense.

O que é de lamentar, e que nós profundamente lamentamos, é que podendo o «foot-ball» deste districto ser muito melhor representado do que o que foi, se fique em Braga supondo que o «association» coimbricense não tem melhor do que o que mostrou em Braga.

Emfim: — manda quem póde.

Portugal-Italia

Em Junho tambem se realisa pela primeira vez o desafio de selecções Portugal-Italia, devendo o encontro ter lugar em Lisboa.

Bom era que a União se interessasse para que outros jogos internacionais tivessem lugar, como por exemplo, com a França, Belgica, etc.

Com a realização de inumeros matches internacionais muito teria a lucrar o «foot-ball» nacional.

Lisboa-Madrid

Em Lisboa, perante a maior assistencia desta época—15.000 pessoas — disputou-se domingo passado no campo da Palhavã, a «Taça da Quarnição Militar de Lisboa», entre as equipes militares hespanhola e portugueza.

A victoria de 2 bolas a 0 coube aos nossos compatriotas que desenvolveram um jogo perfeito de conjuncto e energia. Os hespanhoes, apesar de vencidos, jogaram sempre com um «élan» e uma vontade admiraveis.

Foi uma soberba tarde de «foot-ball» bastante honrosa para o «foot-ball» nacional, que, como se vê, vai progredindo notavelmente.

A correcção extrema com que as equipes se conduziram em campo, muito facilitou a arbitragem de Jorge Vieira, que foi admiravel.

Assistiram: o sr. Presidente da Republica, presidente do ministerio, ministro da Hespanha, etc.

Os jogadores hespanhoes tem sido alvos, em Lisboa, das mais sinceras manifestações de apreço e amizade, por parte de todas as entidades officiais.

Portugal-Hespanha

O desafio de selecções Portugal-Hespanha, realisa-se em Lisboa em 17 de Maio proximo.

O facto de a assembleia geral da União Portuguesa de Foot-ball, ter resolvido, por dois votos de maioria, a realização do encontro na capital do paiz, produziu descontentamento entre os desportistas portuenses que esperavam que ele tivesse lugar no Porto, para o qual tinham movido as maiores influencias, baseando-se em que o terceiro Portugal-Hespanha se havia realizado em Sevilha.

A selecção de Lisboa, ao que se afirma, será composta por nove homens do Sporting, Cesar, dos Belenenses, e Vieira, do Benfica.

Coimbra-Lisboa

Ao que informam os jornais, este ano realisa-se o I Coimbra-Lisboa, devendo ter lugar nesta ultima cidade, em 26 de Abril corrente.

Ocorre-nos perguntar: irá a mesma selecção, ou aquela que jogou contra a Figueira?

A ver vamos...

Marcha do Campeonato de Coimbra

CLUBS	Jogos	Ganhos	Empatados	Perdidos	Goals		Pontos
					Pro	Contra	
1. ^ª categorias							
Associação Académica	4	4	0	0	15	0	8
Sporting Nacional	5	3	0	2	7	9	6
Moderno Foot-ball Coimbra	4	2	0	2	6	11	4
União Foot-ball Coimbra Club	5	2	0	3	3	7	4
Sport Club Conimbricense	4	0	0	4	0	4	0
2. ^ª categorias							
Aviz Atlético Coimbra Club	2	2	0	0	4	1	4
Moderno Foot-ball Coimbra	2	1	0	1	1	4	2
Associação Académica	2	0	0	2	0	—	0
União Foot-ball Coimbra Club	—	—	—	—	—	—	—
3. ^ª categorias (I Divisão)							
Associação Académica	4	3	0	1	23	1	6
União Foot-ball Coimbra Club	3	2	0	0	10	5	4
Sport Club Conimbricense	2	1	0	1	0	7	2
Sporting Nacional	3	0	0	3	2	12	0
Moderno Foot-ball Coimbra	2	0	0	1	1	14	0
Aviz Atlético Coimbra Club	1	1	0	0	2	1	2
3. ^ª categorias (II Divisão)							
Santa Cruz	2	2	0	0	4	2	4
Santa Clara	2	1	0	1	9	2	2
Conimbricense Foot-ball Club	1	1	0	0	7	0	2
Progresso Foot-ball Club	2	1	0	1	5	4	2
Luzitanos	3	0	0	3	2	19	0